

E, essa bela idéia, tornara-se em realidade patente e com ela, encerra-se a publicação do jornal O PROGRESSO, por meio do qual, fora o mediano do tributo ao abolicionista escravo LUIZ GAMA.

Hoje contemplamo-la no Largo DO AROUCHE. Já são passados mais de meio século de liberdade e o negro vai caminhando, com dificuldades menores, felizmente, que de anos pretéritos, a passos mais avantajados para um futuro maior que se aproxima.

SENHORES !

EIS A VISÃO DA COMUNIDADE NEGRA  
A  
ROGER BASTIDE

Todos os grandes nomes das letras já disseram a seu respeito, tudo, tudo — os consagrados escritores.

ARTUR RAMOS, PAULO DUARTE, ANTONIO CANDIDO, GILBERTO FREYRE e o seu dileto discípulo e colaborador FLORESTAN FERNANDES;

NÓS, os NEGROS DE SÃO PAULO, SUMAMENTE GRATOS, REGISTRAMOS, EMOCIONADOS, NESTE MÊS DA LIBERDADE, COM AMOR E GRATIDÃO PELO MUITO QUE O MESTRE ILUSTRE FEZ POR NÓS ATRAVÉS DAS SUAS PESQUISAS, ALERTANDO CADA VEZ MAIS O VALOR DE UMA RAÇA QUE TANTO TEM DADO E CONTINUARÁ A DAR PELA GRANDEZA DO NOSSO BRASIL.

#### 4. Roger Bastide — um aliado

Eduardo de Oliveira e Oliveira

Nossos contatos pessoais com o Prof. Roger Bastide foram muito escassos. Vimo-nos muito poucas vezes em suas duas últimas viagens ao Brasil.

Nossa proximidade com o Mestre deu-se mais através de leituras de suas obras e no convívio mais íntimo com “As Américas Negras” que nos propusemos traduzir, para o que tivemos seu assentimento depois de leitura feita à Introdu-

ção e ao Primeiro Capítulo. Esta obra, que nos pareceu fundamental para o público brasileiro, permanecia à margem da tão já escassa informação sobre a presença negra e seu papel nas Américas, em particular no Brasil.

Este tipo de convivência com a obra revelou-nos, numa grande dimensão, o homem.

Uma das características que salta em sua obra é revelar o Negro como sujeito e não meramente objeto — não apenas o trabalhador, mas o portador de uma cultura.

É significativo que o autor se questione sobre o rompimento ou não dos laços entre a ciência e a ideologia para responder que, “em uma época como a nossa, em que o problema da integração racial se coloca em toda a América, (. . .) se será possível a neutralização absoluta.” Com isto coloca a questão da subjetividade diante do conhecimento científico e, indiretamente, coloca-se como sujeito cognoscente, podendo, como poucos, escolher-se Negro.

É evidente sua preocupação pelos destinos do Negro no Brasil.

Acreditamos que a polêmica Herskovits (branco) e Frazier (negro) leva-o a um compromisso de responsabilidade, como cientista identificado com o seu objeto de estudo, a comprometer-se com uma causa. . . daí seu empenho em traçar um panorama geral das Américas Negras onde o elemento negro pudesse ser conhecido em sua amplitude para, através do conhecimento de suas identidades, que têm sua base num denominador comum — a escravidão negra —, invenção do Novo Mundo, poder questionar-se de seu destino.

Todo o seu trabalho de demonstração do rompimento entre as diversas culturas e etnias, nada mais é do que a preocupação com o homem Negro e sua realidade, e de como este elemento ressurgirá de uma coexistência racial na desigualdade.

Sua obra assume importância para a experiência do Negro quando discute o conceito de sociedades africanas (ou) sociedades negras, demonstrando o que, “por pressão do meio”, por ser um “traço de civilização” negra” ou uma herança, no caso um traço de “civilização africana”, ou, o que é importante, da convergência de duas heranças similares, fundamentando-se uma na outra, caso então em que teremos um traço de civilização “afro-americana”.

Infelizmente, estes aspectos que tanto preocupam Roger Bastide, e isto foi-lhe possível por sua identificação empática com a problemática do Negro, escapam a grande parte dos cientistas brasileiros. Aí está contido todo um amplo universo que tem afetado profundamente os Negros Brasileiros: a questão de seu enraizamento. Sabiamente, Roger Bastide toca um ponto que é fundamental. O que se pode fazer para que o Negro brasileiro se sinta brasileiro?

“Pode-se falar”, diz ele, “da existência de culturas negras ao lado de culturas africanas ou afro-americanas. O perigo está em confundi-las, em querer encontrar em toda partes traços de civilizações africanas, onde desde há muito não mais existem. Ou, ao contrário, o de negar a África para não ver em toda parte mais que o “negro”. Este detalhe sutil remete-nos a um aspecto fundamental da experiência de todo um grupo no Novo Mundo: o problema da integração.

Será o Negro capaz de tornar-se “latino” ou “anglo-saxão”?

O questionamento procede, e o autor, num tipo de premunção, questiona um problema que o brasileiro negro em sua passagem, de direito, a cidadão, querendo vivê-la “de fato”, se questiona. . . e mais do que nunca, atualmente.

Explicamo-nos: no afã de descobrir sua identidade, projeta-se a uma África mítica, marginalizando-se duplamente.

Seria mais que fastidioso enumerar aqui o sentido desta obra e a importância de seu ator para nós. Roger Bastide com esta obra, e por isto a escolhemos, responde uma pergunta que sempre temos em mente: Está a sociologia servindo aos propósitos que se propõe? (E quando dizemos sociologia pensamos grosso modo o sociólogo, ou melhor, o cientista). São suas análises dos fenômenos sociais que afetam os negros, relevantes? Para quem? e encontramos a resposta em suas próprias palavras quando ele diz, “o sábio que se debruça sobre os problemas afro-americanos encontra-se, pois, implicado, queira ou não, em um debate angustiante, pois é da solução que lhe será dada que sairá a América de amanhã. Ele deve tomar consciência de suas decisões — não para dissimular o que lhe parece a realidade — mas para perseguir, no decorrer de suas pesquisas, uma outra pesquisa, paralela, sobre ele mesmo; uma espécie de “autopsicanálise” intelectual, e isto, seja ele branco ou negro. Estamos aqui no centro de um mundo alienado, onde o sábio se acha, contra sua vontade, também alinenoado. . .”

Mas Roger Bastide não se alienava . . . Tinha um compromisso.

O Negro, e em particular o Negro Brasileiro, por quem tanto se preocupava (o que se estava ele tornando, “apesar da espiral compressora”. . . de “acotovelamento das cores sem uma verdadeira fusão”. . .) não pode ter melhor portavoiz, num mundo onde secularmente pulularam e pululam os moedeiros falsos que se fazem arautos de nossas verdades. . . sangrando-nos até hoje, impedindo-nos de denunciar a falência de 4 séculos de civilização.

Roger Bastide esteve de nosso lado; é dos nossos — e sua obra está aí para confirmar; e não nos surpreende que seus funerais tivessem sido realizados ao som de tambores africanos e brasileiros.

“Pour le Nègre”, diz Senhor, “connaître c’est vivre — de la vie de l’Autre en s’identifiant à l’objet. Con - naître, c’est naître à l’Autre en mourant à soi. . .”

Roger Bastide foi um destes. . . dos únicos (e isto confirmava-nos recentemente o Prof. Florestan Fernandes) que, com relação ao Negro, poderia ter dito, "JE SENS, DONC JE SUIS".